

*Eu*LEIO

MARK TWAIN

**O PRINCIPE
E O MENDIGO**

*Texto
integral*

Tradução

Maria Helena Grembecki

ea
editora ática

Titulo original: *The prince and the pauper*
Titulo da edição brasileira: *O príncipe e o mendigo*

Editor Fernando Paixão
Assistente editorial Isa Mara Lando
Mário Vilela
Preparador Jonas Pereira dos Santos
Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
Revisora Luciene Lima

ARTE
Ilustração de capa e miolo N. A. Reis
Editor Jayme Leão
Editoração eletrônica Fukuko Saito

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T913p
9.ed.

Twain, Mark, 1835-1910

O príncipe e o mendigo / Mark Twain ; tradução Maria Helena Grenbecki ; ilustrações N. A. Reis. - 9.ed. - Rio de Janeiro : Ática, 2000.

216p. : il. ; (Eu Leio)

Tradução de: The prince and the pauper

ISBN 978-85-08-04716-1

1. Ficção americana. I. Grenbecki, Maria Helena. II. Reis, N. A., 1937- III. Título. IV. Série.

11-1415.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

ISBN 978 85 08 04716-1

2013

9ª edição

15ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



MARK TWAIN

O riso que belisca

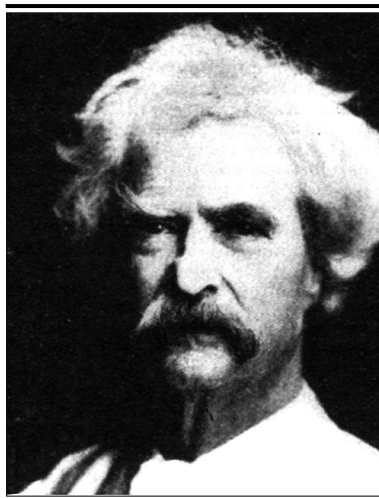
Geraldo Galvão Ferraz

*A*té hoje contam histórias sobre Mark Twain nas margens do rio Mississípi. A marca do homem foi enorme, e sua fama de escritor e de contador de histórias (umas vividas por ele, outras francamente inventadas) continuou depois da sua morte, a 21 de abril de 1910.

Twain, na verdade, se chamava Samuel Langhorne Clemens e seu pseudônimo, segundo a maioria dos biógrafos, veio da exclamação dos barqueiros do Mississípi sobre a profundidade da água do rio.

“Mark Twain” seria, então, a marca de duas braças. Porém outros acreditam que o pseudônimo veio da linguagem dos bares, quando um freguês pedia para “pendurar” mais duas bebidas na sua conta.

O futuro escritor só foi aos quatro anos para a cidadezinha de Hannibal, no estado americano do Missouri, mas ela é a sede do culto a Twain, onde



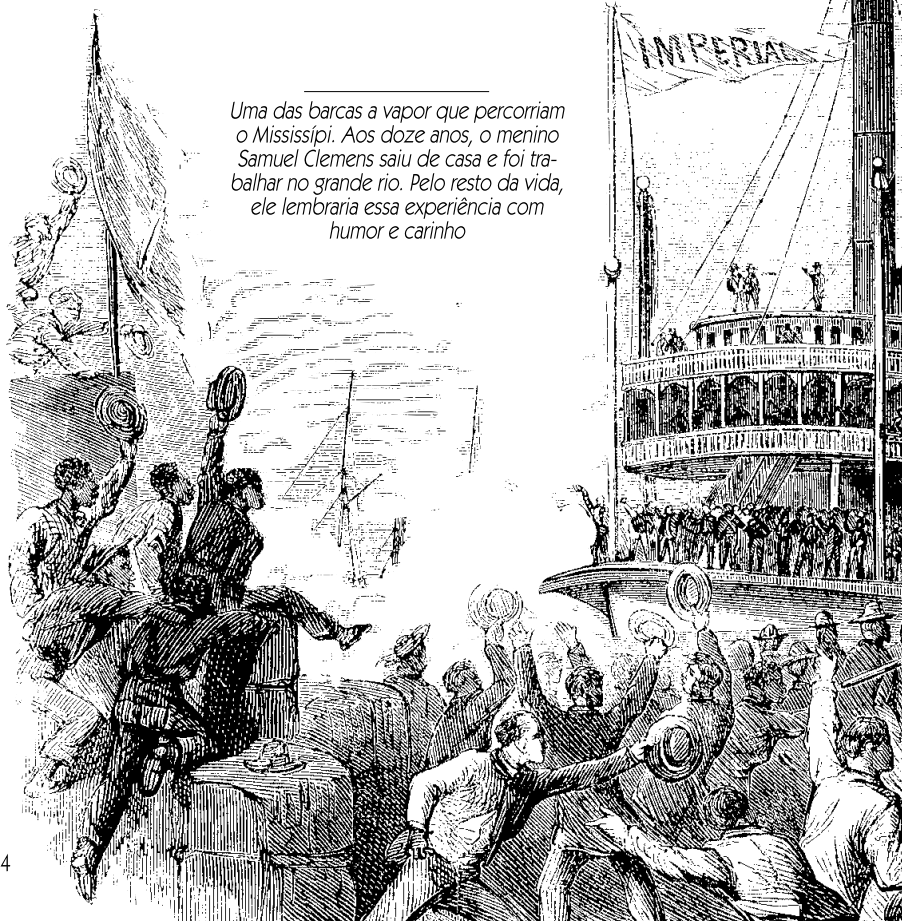
tudo lembra seu nome e suas obras. Nasceu mesmo a trinta de novembro de 1835, num lugarejo menor ainda, chamado Flórida, também no Missouri. Num dia em que o céu apresentava o show pirotécnico do cometa Halley, que curiosamente estava visível também quando ele morreu.

Parece que o astro errante teve alguma influência sobre a vida de Twain, ao menos em parte dela, quando ele não conseguia

parar em lugar nenhum, em emprego algum. Aos doze anos, perdeu o pai, um homem romântico e jovial, só que incapaz de ganhar dinheiro. Largou os estudos e foi trabalhar numa tipografia; depois se tornou barqueiro no seu amado rio, foi garimpar ouro em Nevada e, enfim, foi para Nova York como jornalista, após viajar muito. Então, precisando assinar um artigo com pseudônimo, surgiu Mark Twain.

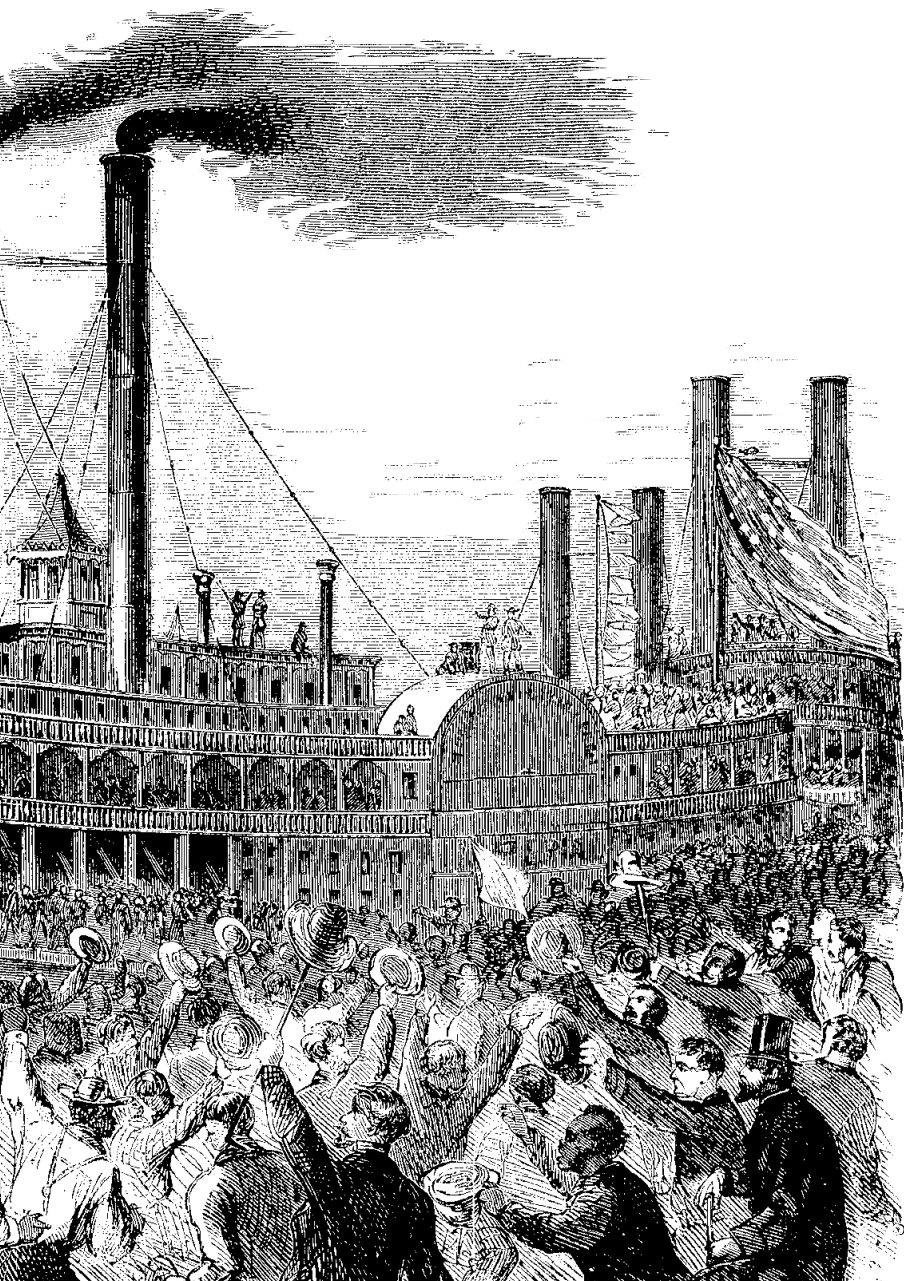
Aos trinta anos, fez muito sucesso com seu primeiro conto, “A célebre rã saltadora do Condado de Calaveras”. O primeiro livro foi uma coletânea de relatos sobre a vida no Mississípi, *Forty-three days in an open boat*. Em 1869, outro êxito, o livro de viagens *Innocents abroad*. A obra pegou, pois era uma espécie de vingança divertida do americano médio contra o esnobismo cultural do

Uma das barcas a vapor que percorriam o Mississípi. Aos doze anos, o menino Samuel Clemens saiu de casa e foi trabalhar no grande rio. Pelo resto da vida, ele lembraria essa experiência com humor e carinho



Velho Mundo. Twain ousava dizer, por exemplo, que estava cansado de tanto ver catedrais góticas, umas iguais às outras; que os lagos do norte da Itália perdiam

em beleza para o lago Tahoe, no Oeste americano. Ficou famoso um de seus comentários: “Com os preços que os barqueiros da Galileia cobram,



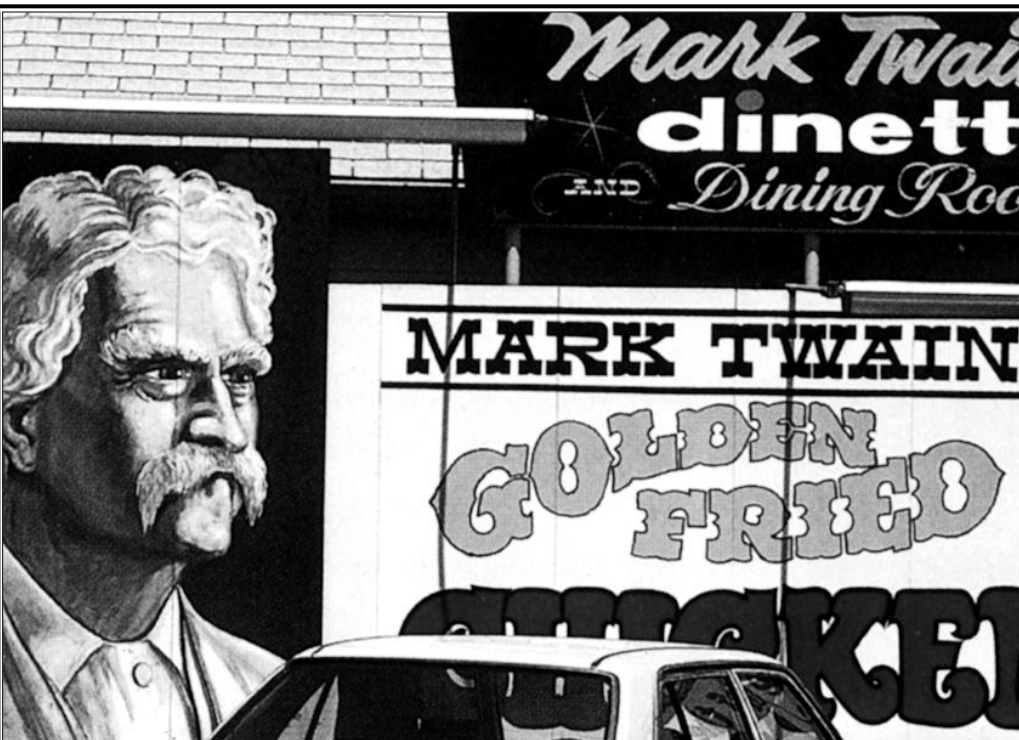
não me surpreende que Jesus tenha preferido andar sobre as águas”.

“O Rei”

Twain tornou-se o mais querido humorista da América, com livros que vendiam até duzentos mil exemplares, graças a um bem-sucedido sistema de assinaturas, quando o comum para um autor de prestígio como Henry James era vender dois mil. Era tanto o êxito que ele brincava: “Escrevi durante quinze anos até descobrir que não tinha talento, mas aí era tarde demais para mudar, já tinha ficado famoso”. Irreverente, escudando-se no humor para escrever o que outros não ousavam, Twain divertia os Estados Unidos com suas histórias e frases, forçando o sotaque caipira, a aparência exótica de bigodão ruivo e cabelos revoltos, além da roupa pouco convencional. Quando, por exemplo, um fã lhe mandou o retrato, dizendo que todos o achavam parecido com o escritor, Twain respondeu: “Realmente, o senhor se parece tanto comigo que vou aproveitar seu retrato como espelho, na próxima vez em que fizer a barba”.



Rico com seus livros e conferências populares, Mark Twain resolveu ajeitar-se na vida. Escolheu como mulher Olivia L. Langdon, filha de um milionário comerciante de carvão de Elmira, perto de Nova York. O casal ganhou do sogro uma enorme casa de 25 mil dólares, carruagem e cocheiro, além de dinheiro para começar a vida em comum. Twain dobrou o dinheiro e, amando loucamente a mulher, que chamava de Livy ou de Liv, teve com ela três filhas; era considerado um homem extremamente feliz com seu



Cenas de Hannibal, no Missouri, uma cidade turística que vive do fato de Mark Twain ter passado a infância ali. Ninguém perde a oportunidade de fotografar-se como Tom Sawyer, e o nome e a obra do escritor são aproveitados até para vender frango frito

talento e sua vida pessoal. Era amigo de todos os milionários nova-iorquinos, que o apelidaram de “o Rei”. Quando ia viajar, parava o trânsito nas cidades que visitava, como aconteceu em Londres e em Viena. Contudo, segundo o testemunho do amigo e escritor Upton Sinclair, quanto mais famoso mais Twain se sentia infeliz. Livy, por quem ele se apaixonara ao ver o retrato dela

nas mãos do irmão, resolveu regenerar o marido — a quem dera o apelido “Juventude” —, que fumava desde os oito anos, bebia muito, jogava cartas e tinha uma linguagem cheia de expressões pouco delicadas. Twain obedecia, mas escreveu a um amigo: “Depois que casei, ela editou tudo o que escrevi. E ainda mais: não editou só minhas obras — ela me editou!” Mas concluiu: “Eu deixaria de usar meias, se ela achasse isso imoral”.

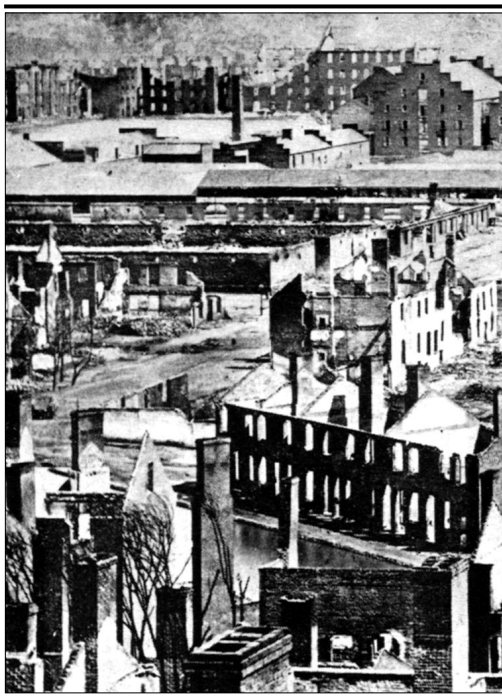
*Enquanto isso, Twain publicava o romance *The gilded age* (1873), um painel de crítica*

ao materialismo e à corrupção do pós-Guerra Civil, com alguns elementos autobiográficos da meninice no Missouri. Talvez tenha sido exatamente o que o levou a escrever seu livro seguinte, o clássico *As aventuras de Tom Sawyer* (1876), que ele moldou segundo a vida de amiguinhos e colegas de infância. Uma dessas virou *Becky Sharp*, a menina por quem Tom se apaixona e que fica presa numa caverna. Tom Sawyer fez Twain, que estava querendo mudar sua imagem de humorista para a de escritor “sério”, abrir os olhos para a possibilidade de empregar a visão infantil das coisas, em lugar do humor rude e às vezes grosseiro que usava.

A *tramp abroad* (1880) e *Life on the Mississipi* (1883) continuam a linha regional, mas em *O príncipe e o mendigo* (1882) ele usa a vertente infantil, numa novela histórica cuja primeira meta era satirizar os costumes e instituições ingleses, mas que, ao ser mostrada a *Olivia*, transformou-se numa aventura de primeira para jovens, retirando-se da narrativa qualquer tom mais mordaz. Contudo, Twain estava disposto a criar um mundo infantil diferente do que relebrara em *Tom Sawyer*. Seu herói já existia e aparecera balançando um gato morto:

Huckleberry Finn, moldado inicialmente num garoto que morava em Hannibal chamado Tom Blankenship.

As aventuras de *Huckleberry Finn* é de 1885, sendo considerada a obra-prima

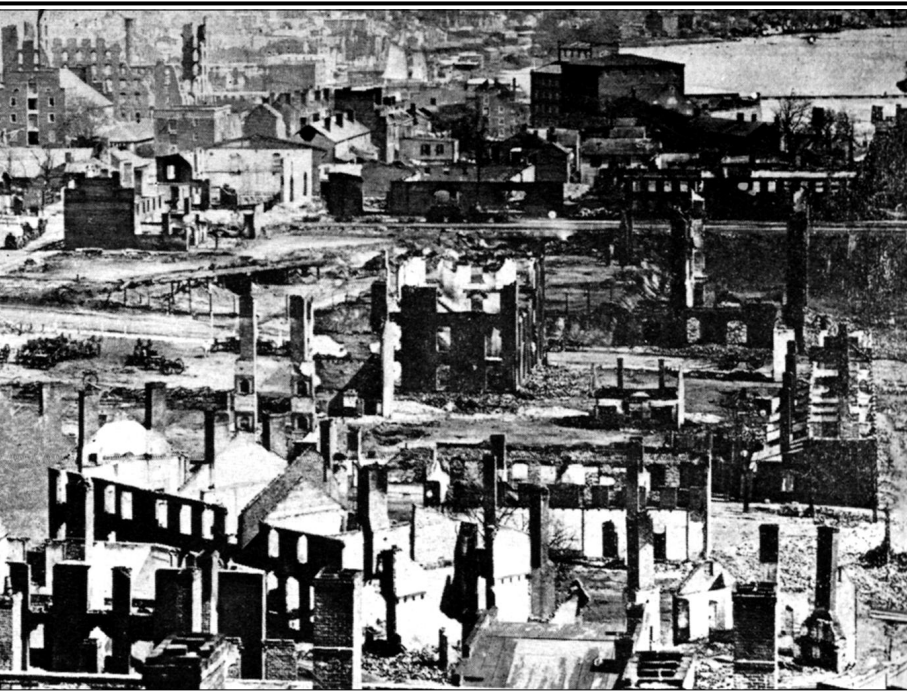


do escritor. O livro foi recebido com reservas: bibliotecas acharam-no irreverente e até imoral, críticos censuravam o desleixo de sua construção (não tinha um enredo convencional, sendo mais uma reunião de histórias cujos elos de ligação eram o garoto Huck e o rio *Mississipi*). O próprio autor não gostava muito da obra e chegou a

pensar em queimar o manuscrito, achando que outro original seu, o hoje desconhecido Joan of Arc, era muito superior. Porém, aos poucos, As aventuras de Huckleberry Finn deixou de ser meramente um livro para crianças

franceses que cultivaram tal tipo de personagem. O crítico Lionel Trilling resumiu tudo, ao chamar Huck de um livro subversivo,

A capital sulista no final da Guerra Civil. Ao preço de enorme destruição, o conflito mudou bastante a sociedade americana, e Twain retratou em várias obras essa transformação



e, quando um prefácio do poeta americano T. S. Eliot para uma edição inglesa chamou-o de obra-prima, a reavaliação do livro foi instantânea. Ernest Hemingway chegou a dizer que ele era “o ponto de partida da moderna literatura americana”. Alguns estudiosos colocam-no como primeiro herói do absurdo, muitas décadas antes dos existencialistas

porque ninguém, depois de o ler, consegue ver da mesma maneira “a respeitabilidade do sistema americano”.

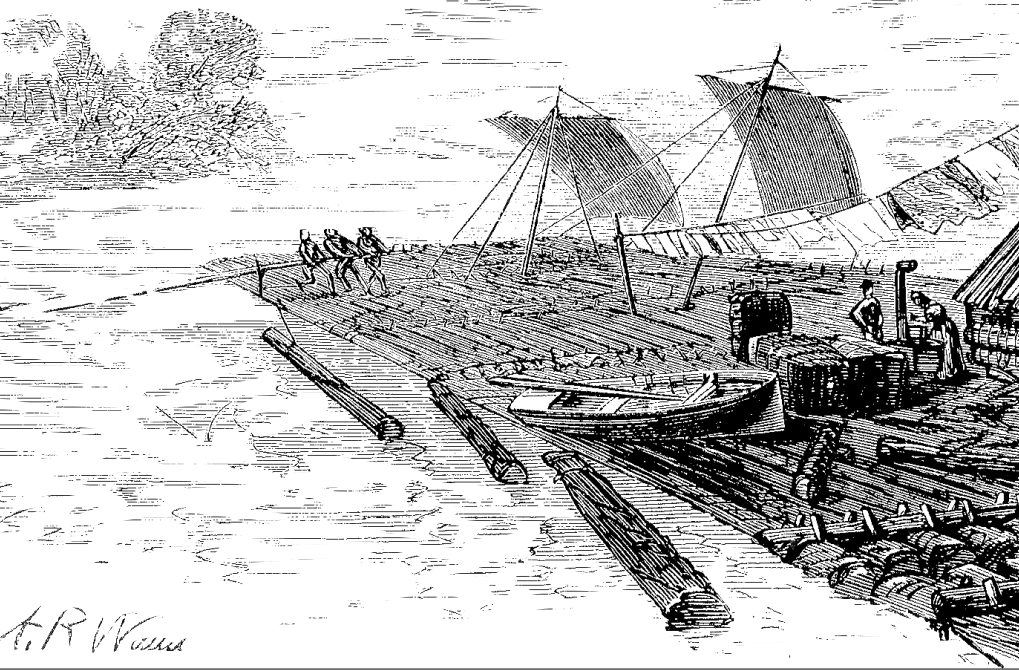
Depois desse livro, Mark Twain se sentiu esgotado na sua temática infantil e do Mississipi. Ao ler uma obra sobre o rei Artur e a Távola Redonda, concebeu uma fantástica história — um livro de ficção científica, na

verdade — em que um homem prático do século XIX viaja no tempo para a época arturiana e tenta mudar a civilização segundo o molde dos Estados Unidos modernos. Embora Twain tenha se referido a seu livro Um ianque na corte do rei Artur como seu “canto de cisne”, a obra é um triunfo, atual até hoje, sempre com um fio de sátira entremecendo uma ação criativa e divertida.

Um problema: não ser levado a sério

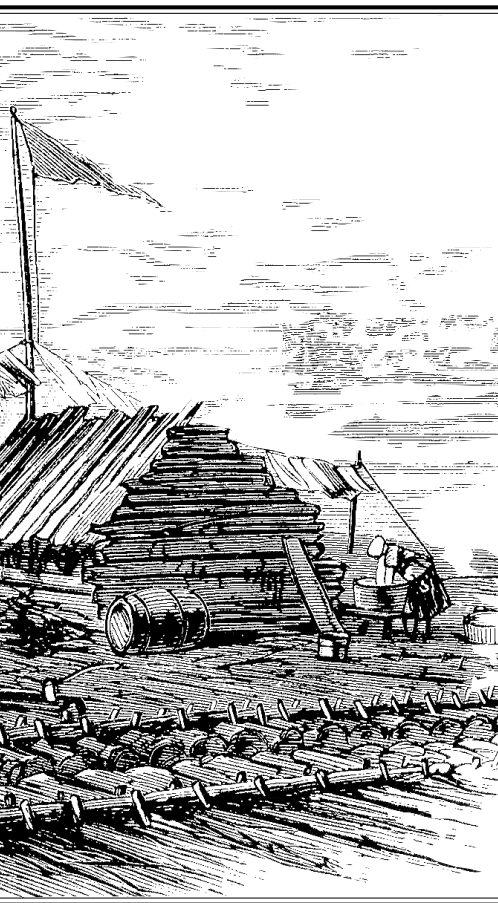
O escritor estava cansado. O humor se transformara num pessimismo venenoso, a memória tornara-se apenas um escape momentâneo. Mark Twain limitou-se a escrever para ganhar dinheiro. Trabalhava muito, mas

Tal como o São Francisco no Brasil, o Mississipi era (e é) um rio de integração nacional. No tempo de Twain, muitos viviam literalmente em suas águas, como mostra a ilustração. Era uma existência dura — mas perfeita, na opinião dos “piratas” Tom Sawyer e Huckleberry Fin



sem a mesma impetuosidade alegre de antes. Seu estado de espírito revelava-se em frases do tipo: “O homem é o único animal que enrubesce. E é o único que tem motivo para isso”. O homem que fazia a América rir voltava-se para a amargura: “A melhor herança que Adão deixou para a raça humana foi a morte”.

A morte levou-lhe em 1904 a querida Livy, que amou durante



quarenta anos. Cuidava dela — uma semi-inválida por causa de um tombo no gelo quando jovem — e a obedecia em tudo; quando ela morreu, Twain mergulhou na melancolia e nunca mais olhou para outra mulher, embora sua secretária, Isabel Lyon, bem tivesse tentado fisgar o viúvo. Mas a língua afiada dele não perdoou: “Eu preferiria uma boneca de cera”. De qualquer forma, esse apaixonado pelo casamento escreveu que “nenhum homem ou mulher conhece o significado do amor perfeito até estar casado há um quarto de século”.

*O melhor dos livros de Twain nos últimos anos de sua vida foi o romance (publicado postumamente) *The mysterious stranger* (1916). Tinha algo do espírito nostálgico de seus livros sobre meninos rebeldes e aventureiros; seus protagonistas eram três garotos da Áustria medieval que são visitados por um anjo chamado Satã, o qual lhes conta que os seres vivos são joguete de seu criador, que o senso moral torna o homem inferior aos animais e que tudo isso, e a própria vida, não passa de ilusão do espírito. O tema cínico não impede que o tom seja terno, e a obra mostra Mark Twain como um idealista desalentado.*

Muito pouco para o espírito indomável que, em outros tempos, atravessara o Panamá a cavalo, anunciando-se ao chegar em Nova York como “o louco humorista da cavalgada do Pacífico”.

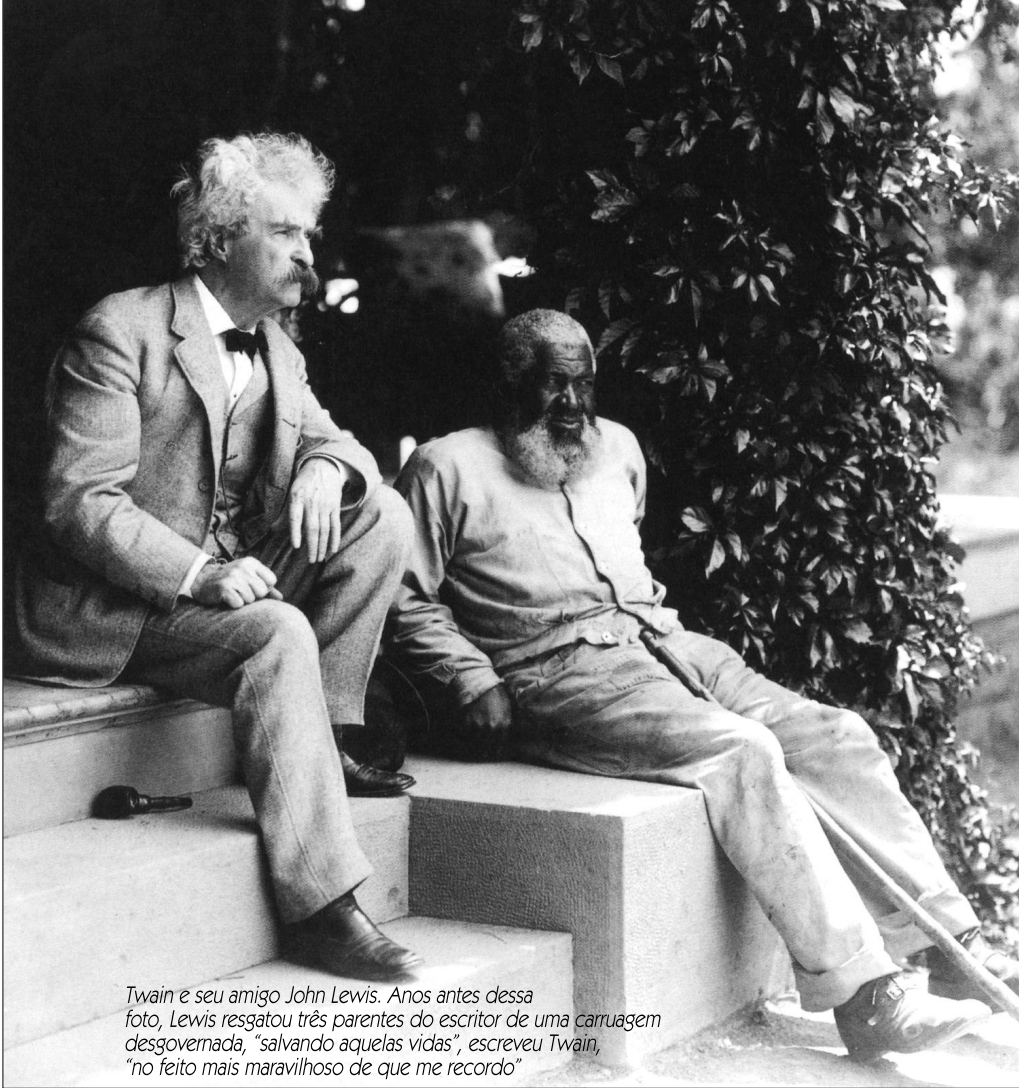
Condicionado pelo amor a ser domado pela mulher e pelas filhas puritanas, que tiravam dos seus manuscritos o que achavam inconveniente, além de

O príncipe de Gales, futuro Eduardo VI Tudor, que reinaria de 1547 a 1553. Twain o escolheu como herói de O príncipe e o mendigo, um de seus maiores sucessos

obrigado a ajustar seu talento ao gosto do público pagante, Mark Twain viveu o paradoxo do humorista que, enjoado do riso, quer ser levado a sério.

Uma de suas histórias é bem representativa. Contou Twain que, certa vez, foi convidado para falar numa grande universidade feminina. Um amigo sugeriu-lhe que lesse um poema que acabara de escrever, um texto absolutamente sério. O escritor começou: “Agora, senhoras, vou recitar um poema que escrevi”.





Twain e seu amigo John Lewis. Anos antes dessa foto, Lewis resgatou três parentes do escritor de uma carruagem desgovernada, "salvando aquelas vidas", escreveu Twain, "no feito mais maravilhoso de que me recordo"

O que foi acolhido com estrepitosas risadas. "Mas trata-se de uma obra séria", repetiu, e só conseguiu que os risos aumentassem. "Atrapalhado por essa incompreensão, guardei o poema no bolso e declarei: 'Muito bem, senhoras, já que não me julgam capaz de escrever nada sério, não vou ler o poema',

palavras que provocaram no auditório verdadeiras explosões de gargalhadas."

Certamente, na ocasião, ele se esqueceu de outra frase sua, que tem tudo a ver com sua vida e obra e poderia lhe servir de consolo: "O humor é a chave dos corações dos homens, porque brota do coração".

SUMÁRIO

■ MARK TWAIN O riso que belisca

- Prefácio / 19
- I ■ O nascimento do príncipe e do mendigo / 21
- II ■ A infância de Tom / 22
- III ■ O encontro de Tom com o príncipe / 26
- IV ■ Começam os problemas do príncipe / 33
- V ■ Tom nobre / 37
- VI ■ Tom recebe instruções / 44
- VII ■ O primeiro jantar régio de Tom / 50
- VIII ■ O caso do sinete / 54
- IX ■ O cortejo cívico pelo rio / 57
- X ■ O príncipe se mata de trabalhar / 60
- XI ■ Na prefeitura / 67
- XII ■ O príncipe e seu libertador / 73
- XIII ■ O desaparecimento do príncipe / 84
- XIV ■ “Le roi est mort — vive le roi” / 88
- XV ■ Tom rei / 98
- XVI ■ O jantar de gala / 109
- XVII ■ Fu-Fu I / 112
- XVIII ■ O príncipe e os vagabundos / 122
- XIX ■ O príncipe e os camponeses / 129
- XX ■ O príncipe e o eremita / 134
- XXI ■ Hendon sai em socorro / 140
- XXII ■ Uma vítima da traição / 145
- XXIII ■ O príncipe prisioneiro / 150
- XXIV ■ A fuga / 154
- XXV ■ A casa Hendon / 157
- XXVI ■ A renúncia / 164
- XXVII ■ Na prisão / 168
- XXVIII ■ O sacrifício / 178
- XXIX ■ Para Londres / 182
- XXX ■ O progresso de Tom / 184
- XXXI ■ O cortejo de reconhecimento / 187
- XXXII ■ O dia da coroação / 193
- XXXIII ■ O rei Eduardo / 204
- Conclusão: Justiça e retribuição / 211
- Nota geral / 215

O PRÍNCIPE E O MENDIGO

Males do sucesso: Mark Twain tinha tanta certeza de que sua fama de humorista não deixaria ninguém levá-lo a sério, que pensou em publicar *O príncipe e o mendigo* com um pseudônimo ou anonimamente. Depois, pensando melhor, resolveu assinar o romance, que acabou tornando-se uma de suas obras mais apreciadas pelo público e pelos críticos da época.

Twain escreveu *O príncipe e o mendigo* em 1881. Já era o famoso escritor que, aos 45 anos, tinha em seu currículo títulos como *As aventuras de Tom Sawyer*, romance, e *A tramp abroad*, memórias humorísticas de suas andanças pelo mundo. Alguns de seus biógrafos insinuam que escreveu o livro para ganhar dinheiro, aproveitando a mania de nobreza inglesa que havia na sociedade americana de então. Pode ser, mas decerto entrou em seus

planos a vontade de escrever algo que fosse sério e familiar (afinal, ele era também conhecido como autor de histórias abertamente pornográficas) e mostrasse o seu refinamento e sua cultura aos críticos. E, tratando-se de Twain, é de considerar também que ele pensou em fazer algo que agradasse a sua família — especialmente à querida filha Susie.

O príncipe e o mendigo acertou em cheio. Saiu a tempo do Natal de 1881 e foi sucesso de crítica e de público. A autora de *A cabana do Pai Tomás*, Harriet Beecher Stowe, por exemplo, achava que era o melhor livro já escrito para crianças. Susie proclamou ser aquela a melhor obra do pai. Twain caprichara: o livro tem todas as características de uma aventura dramática que agarra o leitor até o final empolgante. A história focaliza dois meninos

idênticos que trocam de roupa e de vida, um, Edward Tudor, passando de príncipe de Gales à pobreza mais completa, e o outro, Tom Canty, descobrindo que esperam dele, um garoto miserável, decisões que envolvem milhares de vidas. Ao morrer o rei Henrique VIII, a situação dos dois meninos poderá tornar-se imutável.

Contada com a habitual fluência por Twain, a narrativa tem uma fantástica embalagem de detalhes da época, o século XVI, com a mestria do escritor em selecionar aspectos daquela época que refletem situações ou circunstâncias de seu próprio

tempo. Twain até escreve que a narrativa “pode fazer parte da História ou pode ser só uma lenda, uma tradição. Pode ter acontecido ou pode não ter acontecido; mas *poderia* ter acontecido”.

Há outros livros mais famosos na obra de Twain, como *Tom Sawyer* ou *As aventuras de Huckleberry Finn*, mas este tem algo que os outros não têm: o empenho do autor em contar gostosamente uma história que misture drama e ação, de olho no prazer do leitor. E isto *O príncipe e o mendigo* conseguiu, tanto em 1881 quanto hoje.

G. G. F.

O PRÍNCIPE E O MENDIGO



A

*Susie e Clara Clemens,
crianças gentis e bem-educadas,
este livro
é afetuosamente oferecido
por seu pai*

PREFÁCIO

Vou contar uma história tal qual me foi contada por alguém que a ouviu de seu pai, que, por sua vez, a ouviu de *seu* pai, que a ouviu de *seu* pai, e assim por diante, cada vez mais para trás, trezentos anos ou mais — com os pais transmitindo-a aos filhos e, assim, preservando-a. Ela pode fazer parte da História ou pode ser só uma lenda, uma tradição. Pode ter acontecido ou pode não ter acontecido; mas *poderia* ter acontecido. Pode ser que nos velhos tempos os sábios e os estudiosos cressem nela; pode ser que só os simples e os ignorantes acreditassem nela e a apreciassem.

A clemência...

é uma virtude duplamente abençoada;
Abençoa aquele que dá e aquele que recebe;
É a mais poderosa entre as poderosas: ela torna
O monarca coroado melhor que a sua coroa.

Mercador de Veneza

I

O nascimento do príncipe e do mendigo

Na antiga cidade de Londres, em certo dia de outono, na segunda metade do século XVI, nascia um menino de uma família pobre, de sobrenome Canty, que não o queria. No mesmo dia, nascia uma outra criança inglesa, de uma família rica, de sobrenome Tudor, que o queria. Todos os ingleses também o desejavam. A Inglaterra tanto almejava, ansiara e clamara a Deus por ele que, agora que ele tinha realmente chegado, o povo quase delirava de alegria. Simples conhecidos abraçavam-se, beijavam-se e choravam. Todo mundo parou de trabalhar e nobres e plebeus, ricos e pobres, festejaram, e dançaram, e cantaram, e se regozijaram; assim se passaram muitos dias e noites. Durante o dia, Londres era uma beleza de ver, com vistosas bandeiras agitando-se em cada sacada, em cada telhado, e grandiosos cortejos avançando pelas ruas. De noite, era também uma beleza de ver, com grandes fogueiras em cada esquina e grupos de foliões divertindo-se em torno delas. Em toda a Inglaterra só se falava do novo bebê, Edward Tudor, príncipe de Gales, que dormia envolto em sedas e cetins, alheio a toda aquela agitação, sem saber que grandes senhores e damas estavam cuidando e velando por ele... e também sem se importar com isso. Mas sobre o outro bebê, Tom Canty, embrulhado em pobres trapos, nada se falava, a não ser naquela família de mendigos que ele viera perturbar com sua presença.